

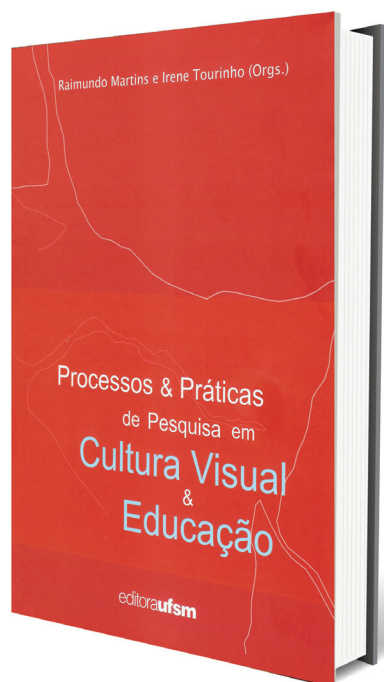
RESENHAS

Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação: mapear um campo de estudo.

por Ricardo Reis

ricardoreis@apecv.pt

I2ADS_FBAUP; Universidade de Barcelona.



A campanha souu. Corri até à porta porque esperava receber uma encomenda que teimava em tardar. Abri. Espicado na soleira estava o carteiro com um embrulho envolto em papel pardo: São os livros!, pensei. O senhor passou-me o embrulho para as mãos e pediu-me que assinasse o canhoto para confirmar a entrega. Regresso apressado ao meu quarto para desembulhá-lo. Eram mesmo os livros que me haviam sido endereçados a partir do Brasil há algumas semanas atrás. Foi com alguma emoção, confesso, que recebi todos os títulos publicados até agora na coleção “Cultura Visual e Educação” da Editora UFSM (Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil), cujos organizadores são Irene Tourinho e Raimundo Martins, quem me endereçou os livros. Folheei-os de imediato e detive-me demoradamente nos índices de cada um deles e em alguns textos em particular e, enquanto lia, alguns pensamentos me assomaram.

Não obstante de nesta coleção de cinco livros haver alguns textos de autores portugueses não pude deixar de pensar sobre quão incipiente é ainda o campo científico da educação da cultura visual em Portugal. Digo-o não porque falte professores, educadores, instituições educativas ou investigadores que orientem o seu trabalho e as suas investigações por esta perspetiva, tal como o comprovam os textos publicados nestes livros, mas sim porque o campo está ainda difuso. Será relativamente fácil encontrar artigos em diversas publicações ou assistir a comunicações em congressos que abordem o tema, mas é muito difícil encontrar monografias sobre o tema ou identificar uma instituição que seja uma referência na formação de professores ou na investigação educativa sob esta perspetiva. Por isso pensei que temos ainda um longo percurso a fazer para mapear e disseminar este campo de estudo em Portugal, ao contrário do que parece estar a acontecer noutros países pertencentes a esta Rede Ibero-americana de Educação Artística (RIAEA). Dessa conclusão nasceu um outro pensamento: a importância das redes (como a própria RIAEA) para a disseminação de ideias, pontos de vista, projetos, processos, práticas, consonâncias e dissonâncias. A Educação da Cultura Visual está longe de ser consensual ou a única perspetiva que orienta a educação das artes visuais neste grande espaço intercontinental onde se fala português e *español*. A RIAEA tem sido um importante veículo de disseminação e confronto dessas perspetivas, o que muito nos tem enriquecido. Redes como esta, feitas muito mais por ligações entre ideias e pessoas do que por simples ligações à internet, têm facilitado o acesso a conhecimento que de outro modo teria uma circulação bastante mais condicionada.

Título: *Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação*

Organização: Raimundo Martins e Irene Tourinho

Ano: 2013

Editora: UFSM

Essa desejável circulação de conhecimento não invalida, antes requer, uma sistematização. Tem sido exatamente isso que a Irene Tourinho e Raimundo Martins têm feito em cada um dos livros que já organizaram para a coleção “Cultura Visual e Educação”, num trabalho aturado, minucioso e preciso:

1. Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa (2009);
2. Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola... (2010);
3. Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos (2011);
4. Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação (2012);
5. Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação (2013).

No texto introdutório do primeiro livro desta coleção os organizadores falam sobre a importância do ato de escrever referindo-se, depreendo eu, aos textos e aos autores que faziam parte desse livro. Resgato essas palavras e ressignifico-as à luz do percurso que trilharam com a organização dos livros seguintes:

“Escrever é um ato de convicção e de ousadia, um jeito de renovar formas de interação e de criar versões para ideias e experiências vividas. É, também, uma maneira de inventar modos de ordenar, de confrontar imposições epistemológicas e oferecer percursos desviantes, desacomodando referências e referenciais, às vezes perversamente monológicos, instituídos pelo hábito ou pela rotina, adestrados por práticas convencionais.” (Martins & Tourinho, 2009, p. 11).

Se para os organizadores escrever é tudo isto, para nós, leitores, o seu trabalho de organização do livro é igualmente *ousado*, pois tem o poder de *criar novas versões*, *novos modos de ordenar*, *de confrontar*, *de oferecer*, e *desacomodar as rotinas adestradas pelas práticas* ou pela investigação que se ocupa de reproduzir sempre os mesmos saberes.

Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação é, assim, o último livro publicado nesta coleção e foi lançado em maio de 2013, na Feira do Livro de Santa Maria. Este livro prossegue o importante caminho iniciado em 2009 com vista à sistematização de um campo de estudo e de trabalho para professores, educadores e investigadores.

Num texto introdutório ao qual chamaram “Imagens como conhecimento e investigação”, os organizadores explicam o processo de construção do livro e qual a sua intenção ao desafiar os autores para escrever:

“Qual era a intenção? Exatamente rever como construímos nossas práticas e processos de pesquisa, quais conhecimentos têm se mostrado libertadores, quais ainda não têm cara identificável e quais merecem nosso repúdio. Nossa intenção também era propor, mostrar jeitos diferentes de fazer pesquisa, dentro e fora de espaços formais de educação.” (Martins & Tourinho, 2013, p. 14)

Este é um campo de estudos abrangente, requerendo uma sistemática organização e mapeamento, não para seguir o ideal iluminista de categorização hierárquica do conhecimento mas antes como forma de abrir possibilidades e caminhos por onde seguir. Segundo os organizadores, de todos os caminhos que se entrecruzam no livro, há dois caminhos predominantes: a *imagem como conhecimento* e a *imagem como investigação*:

“Sobre imagem como conhecimento, ficamos expostos à compreensão de aprendermos mais com elas do que somos capazes de conscientemente reconhecer, interpretar, criticar. Sobre imagem como investigação, geramos o debate sobre como, quem, para quê, em que circunstâncias etc. elas atuam, impactam, transformam, (re) configuram nossos jeitos de ser, pensar, sentir ... Sonhar!” (Martins & Tourinho, 2013, p. 14)

O livro reúne visões e sensibilidades vindas de locais tão distintos como Espanha, Portugal, Uruguai, Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Cada texto reflete, como não poderia deixar de ser, e apesar das consonâncias geradas pela circulação planetária do conhecimento, as diferentes tradições na investigação dentro do campo. O livro é constituído por dezoito textos, distribuídos equitativamente por três partes.

PARTE I

A primeira parte, ***“Encontros movediços para situar, rever e distinguir o campo da pesquisa em cultura visual”***, reúne textos vindos de Portugal, Espanha e Brasil que se centram na tarefa de caracterizar o campo, apresentando-o não como algo fechado mas antes lançando o debate sobre a amplitude dos estudos visuais: desde a pesquisa social à pedagogia, passando pelo debate metodológico.

Esta parte abre com o texto do antropólogo visual Ricardo Campos, investigador da Universidade Aberta de Portugal: *“Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios”*. Este texto tenta claramente organizar o campo. Faz a revisão dos principais autores, teorias e perspectivas sobre o diálogo entre as ciências sociais e a imagem, traçando um caminho que aprofunda a relação entre as inovações tecnológicas (ao nível da produção, distribuição e consumo de imagens) e a investigação em ciências sociais.

O segundo texto, *“Ponderações sobre aspectos metodológicos da investigação na cultura visual: seria possível metodologizar o enfrentamento elucidativo das imagens?”*, de Aldo Victorio Filho (professor da Universidade do Estado do Rio

de Janeiro e líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte) e Marcos Balster Fiore Correia (Designer), aborda um conjunto de questões metodológicas sobre a investigação com imagens, recusando a utilização de métodos que “domestiquem” o olhar do investigador, defendendo a *subjetividade*, as *idiosincrasias*, as *interpretações pessoais*, os *erros e o acaso* no processo de investigação das imagens.

“Reflexividade e pesquisa empírica nos infiltráveis caminhos da cultura visual” é o terceiro texto apresentado, escrito por Irene Tourinho e Raimundo Martins, organizadores do livro e ambos professores Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Os autores refletem sobre o processo de pesquisa com e sobre imagens, pontuando o seu texto com exemplos que nos elucidam, ao mesmo tempo que introduzem a ideia de “reflexividade epistemológica” e de “sujeito epistémico” (em oposição à tradicional relação “sujeito → objeto”) como parte integrante e fundamental da pesquisa.

O quarto texto, *“Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual”*, escrito por Fernando Hernández (professor da seção de Pedagogias Culturais da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona), faz uma importante resenha sobre o lugar das imagens na investigação, não só nas ciências sociais e humanas como também na educação das artes e da cultura visual, apresentando igualmente exemplos práticos dessa pesquisa em educação, e refletindo sobre como isso pode ajudar a criar um outra narrativa para a escola como lugar de aprendizagem.

No quinto texto, *“Métodos alternativos de pesquisa na universidade contemporânea: uma reflexão crítica sobre a/r/tografia e metodologias de investigação paralelas”*, escrito por Leonardo Charréu (atualmente professor da Universidade Federal de Santa Maria mas com larga experiência na formação de professores de artes visuais em Portugal, decorrente do seu trabalho na Universidade de Évora), o autor defende que nas últimas décadas a Educação Artística tem-se configurado como um território de investigação com a sua própria identidade mas que, apesar dessa consolidação, o uso de metodologias baseadas na prática e na arte, bem como o uso de dados não-verbais, é ainda um processo em marcha. Apresenta a a/r/tografia como exemplo desse processo e defende o seu uso na universidade *“em pé de igualdade com todas as outras”* metodologias de investigação.

O sexto e último texto desta parte intitula-se *“Derivações: práticas investigativas entre Teoria Queer e pesquisas baseadas em arte na educação da cultura visual”* e é da autoria de Belidson Dias, professor da Universidade de Brasília. Neste texto o autor posiciona-se como investigador, fazendo uma síntese fundamentada da sua opção por seguir a *Teoria Queer* e a *a/r/tografia*, defendendo que são *“processos de fluxo dinâmico que desnormalizam regimes”* e que funcionam como *“ferramentas transdisciplinares interpretativas e criativas que implicam diálogo de saberes disciplinares”*.

PARTE II

A segunda parte, *“A cultura visual vista através de práticas de pesquisa na educação: projetos e delineamentos”*, apresenta um conjunto de textos que discute experiências de investigação e que revelam as complexidades relativas aos papéis incorporados pelos diversos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa. Segundo os organizadores será possível encontrar nestes textos *“exemplos de cuidados e conselhos, expectativas e medos, aprendizagens e advertências, dimensões que trazem cor e sabor às vivências daqueles que (re) constroem mundos e valores através da pesquisa em instituições educacionais e em torno delas”* (Martins & Tourinho, 2013, p. 16).

O primeiro texto desta segunda parte, *“Histórias possíveis entre imagens: conhecimentos e significações na produção de vídeos em escolas”*, escrito por Nilda Alves (professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e líder do Grupo de Pesquisa Currículos, Redes Educativas e Imagens) e Nívea Andrade (membro do Laboratório Educação e Imagem e do Grupo de Pesquisa Currículos, Redes Educativas e Imagens), revela-nos uma investigação feita com professores e alunos numa escola pública do Rio de Janeiro na qual se desenvolveram três curtas-metragens sobre os quotidianos escolares. Abordam questões metodológicas e epistemológicas que serviram de base ao estudo, revelam o processo que levou à concretização dos pequenos filmes e refletem sobre ele.

O segundo texto, escrito por Alfred Porres Pla (professor do ensino secundário em Espanha e membro do Grupo de Investigação Esbrina: Subjetividades e Entornos de Aprendizagem Contemporâneos), intitula-se *“Conversações na aula de cultura visual”* e fala-nos da sua experiência como investigador com jovens, utilizando a conversa sobre/com/a partir/para além das imagens da cultura visual como uma *“metodologia viva”*, que performatiza a relação pedagógica.

O terceiro texto, *“Algumas frestas de luz, zonas de penumbra: densas sombras sobre pesquisas em contextos educativos e suas visualidades”*, por Alice Fátima Martins (arte-educadora e professora da Universidade Federal de Goiás), apresenta-se essencialmente como fonte de reflexão sobre questões metodológicas observadas no trabalho de campo desenvolvido em quatro escolas públicas da região de Goiânia.

O quarto texto, assinado por Susana Rangel Vieira da Cunha (professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), intitula-se *“Experimentos e experiências na pesquisa”* e revela-nos um conjunto de experiências da autora, não só como investigadora mas também como professora de arte e como orientadora de trabalhos de graduação e pós-graduação. Apresenta exemplos de investigações na área e aborda questões como a pesquisa com crianças ou a forma como apresentamos os textos visuais e escritos.

“O que pode um diário de aula?” é o quinto texto desta segunda parte. Tem autoria de Marilda Oliveira de Oliveira (professora da Universidade Federal de Santa Maria) e apresenta-nos parte do processo formativo que tem sido seguido

no curso de licenciatura em Artes Visuais da sua universidade, através de parte dos resultados de um projeto desenvolvido em duas escolas de educação básica de Santa Maria. Esse projeto envolveu professores em diferentes estados da sua formação e permitiu criar encontros, não apenas entre professores e crianças mas também com textos, objetos, situações e visualidades.

Esta parte termina com o texto *“A pesquisa em artes e a perspectiva da cultura visual”*, por Erinaldo Alves do Nascimento (professor da Universidade Federal de Paraíba), que nos abre “descaminhos” à aventura, à inventividade... sem prepotência, e enfatiza a necessidade da problematização como uma atitude fundamental na investigação.

PARTE III

A terceira e última parte do livro, *“Possibilidades metodológicas e processos de interpretação e crítica na pesquisa com/entre/sobre imagens”*, tenta ir mais além do que os exemplos de investigações apresentados previamente no livro. Segundo os organizadores, os textos desta terceira parte *“priorizam questões analíticas, interpretativas e críticas como fundamentais ao fazer investigativo”* (Martins & Tourinho, 2013, pp. 16–17), movimentando-se entre as histórias de vida, a autoetnografia e as imagens tecnológicas, oriundas tanto da produção espontânea dos jovens como de uma produção deliberada.

O primeiro texto, *“Historiando o eu: a política-vida e o estudo da vida e do trabalho do professor”* é assinado por Ivor Goodson (professor ligado às Universidades de Brighton e Cambridge, em Inglaterra, e à Universidade de Uppsala, na Suécia) e, no seguimento de outros textos que o tornaram célebre, trata de questões relacionadas com as histórias de vida dos professores, e as implicações de tais relatos para a formação da identidade docente.

O segundo texto, *“Uma aproximação à pesquisa narrativa autoetnográfica: algumas questões para continuar aprendendo”*, por Fernando Herraiz García (professor da secção de Pedagogias Culturais da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona), aborda algumas questões de conceito e de metodologia relacionadas com a investigação narrativa, em especial a autoetnografia.

“Reflexividade e desafios na pesquisa com jovens produtores de cultura visual” é o terceiro texto, assinado por Imanol Aguirre (professor da Universidade Pública de Navarra), que se propõe discutir e refletir sobre o processo e sobre alguns resultados do projeto de investigação em curso, projeto esse que *“procura indagar os saberes que os jovens põem em jogo nas suas atividades como produtores de cultura visual e o tipo de competências às quais os ditos saberes estão associados”*.

O quarto texto, *“Imagens da arte, da ciência e da tecnologia: pesquisar a partir da cultura visual”*, por Fernando Miranda (professor do Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes, da Universidad de la República, Uruguai), apresenta-nos as imagens,

sejam elas da arte da ciência ou da tecnologia, como campos de possibilidade para a investigação e como oportunidade para transcender as disciplinas nas quais tradicionalmente se divide o conhecimento e se conformam os sujeitos.

Aida Sánchez de Serdio Martín (professora da secção de Pedagogias Culturais da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona), assina o quinto texto desta terceira parte, *“Visualidade, produção de conhecimento e pedagogia do olhar”*, e nele nos dá uma visão sobre como são produzidos os sujeitos através da(s) visualidade(s) e da pedagogia do olhar, oferecendo-nos alguns exemplos provenientes do cinema.

O último texto desta parte e, conseqüentemente, do livro, é assinado por Laura Trafí-Prats (professora na Universidade de Wisconsin, Milwaukee, EUA), e intitula-se *“Pedagogia do exposto e do visual: figuras implicadas para quatro imagens de sexo de rua”*. Neste texto a autora interpreta quatro fotografias publicadas no jornal espanhol El País sobre a prostituição nas ruas do centro de Barcelona a partir da ideia de uma pedagogia performativa da cultura visual, perspectiva que assume a posição de espectador como uma *“forma de implicação, responsabilidade e atividade cívica”*.

TERMINAR COMEÇANDO

Resenhar um livro é uma tarefa arriscada. Por isso, como salvaguarda, muitas resenhas parecem tentar escamotear a posição de quem a escreveu, apresentado uma suposta neutralidade que nos devolve apenas a imagem de um espelho. Quem lê uma *“resenha-espelho”* cria a ilusão de ter lido o livro e não se dá conta de quanto perde por não o ter lido na realidade. Olhando este texto desde o início fico com a sensação de que o que escrevi é suscetível de ser enquadrado neste género e por isso parece-me importante salientar que esta foi uma estratégia de escrita que adotei com o propósito de respeitar o livro e, provavelmente, a intenção dos seus organizadores.

Notei, logo ao folhear pela primeira vez o livro, que este não tem um prefácio (ou preâmbulo, ou prólogo, ... apenas uma breve apresentação feita pelos organizadores) nem posfácio ou sequer conclusões. Estes textos de abertura ou cerce, que em publicações de âmbito académico são habitualmente entregues a uma sumidade do campo de estudos no qual o livro se enquadra, visam dotá-lo que um *“selo de qualidade”* que serve como apanágio, mas que também serve para impedir os críticos de atentar contra a obra pois estariam, em última análise, a atentar contra alguém que a *“apadrinhou”*. Este livro não se escuda atrás de um prefácio nem sintetiza o que devemos entender dele num posfácio.

Presumo que esta *“ausência”* no corpo do livro seja propositada, e que os seus organizadores quiseram evitar a cristalização de um determinado ponto de vista sobre o mesmo, possibilitando assim que o leitor se posicione ante o que leu e estabeleça as suas próprias relações. Por isso mesmo não seria justo que uma resenha tentasse fazer aquilo que os organizadores evitaram. Tentei apenas

enquadrar o livro e fazer uma (muito) breve apresentação de cada um dos textos que o compõem para o que o leitor desta resenha tenha vontade de o ler mas não fique com a sensação de o ter lido. Claro que esta resenha poderia ter sido escrita de muitas maneiras diferentes: poderia ter apontado um punhado consonâncias ou dissonâncias entre os textos, dizendo que partilham perspectivas idênticas e fundamentais sobre o que significa fazer investigação em ciências sociais e humanas, não obstante das diferenças relativas às tradições que enquadram o posicionamento de cada autor; que partilham determinados posicionamentos intelectuais sobre o que significa *cultura visual*, visível através do uso reiterado de algumas referências bibliográficas por diferentes autores; que se verificam entendimentos próximos sobre o que é a educação e sobre formas de fazer pedagogia baseada na cultura visual; que, ao longo do livro, os textos não têm uma estrutura rígida na apresentação das ideias, havendo textos que tentam fazer um mapeamento do campo, enquanto outros estão mais ligados à prática da investigação e à reflexão epistemológica, e outros ainda à prática educativa. Parece-me também importante não esquecer que este livro se enquadra dentro de uma coleção que conta já com cinco livros sobre Educação e Cultura Visual. Percorrer toda a coleção é caminhar sobre um mapa. Este livro é, assim, apenas um nóculo nesse mapa de conhecimento, que não começa nem acaba, que evolui e se complexifica, e cujas rotas podem ser infinitas, viajando inclusive para fora dos seus próprios limites físicos, pois ele permite-nos esse confronto com outras perspectivas, com outras ideias, especialmente porque não é autotélico nem pretende ser omnicompreensivo. A cada leitor interessando neste campo de estudos cabe agora a tarefa de procurar o livro e lê-lo com a mesma avidez e emoção com que eu desembulhei o pacote envolto em papel pardo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, R., & TOURINHO, I. (Eds.). (2009). *Educação da cultura visual: Narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora UFSM.

MARTINS, R., & TOURINHO, I. (Eds.). (2013). *Processo e Práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora UFSM.